

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# História Potencial de um trabalhador da Diamang: a vida de Maseca sob o colonialismo português

Vitória Massami Kikuti, Elaine Ribeiro

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15213>

Submetido em: 2026-02-25

Postado em: 2026-04-09 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

# História Potencial de um trabalhador da Diamang: a vida de Masseca sob o colonialismo português<sup>1 2</sup>

## Potential History of a Diamang Worker: The life of Masseca under Portuguese colonial rule

### Vitória Massami Kikuti

Discente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e bolsista FAPEMIG BDCTI – Nível III, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [vitoria.kikuti@sou.unifal-mg.edu.br](mailto:vitoria.kikuti@sou.unifal-mg.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2607-6606>

### Elaine Ribeiro

Professora doutora da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Coordenadora do projeto Mukanda Histórica Digital, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [elaine.ribeiro@unifal-mg.edu.br](mailto:elaine.ribeiro@unifal-mg.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3703-4426>

## RESUMO

Este artigo analisa a experiência de trabalhadores Lunda nos arquivos coloniais da Companhia de Diamantes de Angola (Diamang), centrando-se na história de Masseca. A partir dessa análise, propomos um exercício de escrita acadêmica alinhada à sensibilidade poética, visando construir uma História Potencial (Azoulay, 2024) desse agente histórico. Para tanto, realizamos uma leitura intersticial (Ribeiro, 2013; Santos, 2016) dos documentos administrativos da Diamang, buscando refletir sobre as agências e as subjetividades que mobilizaram as ações de Masseca. Ao adotar uma sensibilidade poética, o trabalho tensiona a forma e o conteúdo do conhecimento histórico, demonstrando a possibilidade de integrar o rigor da pesquisa acadêmica com a imaginação histórica.

**Palavras-chave:** Trabalhadores africanos, Diamang, Lunda, Interstícios, História Potencial.

## ABSTRACT

---

<sup>1</sup> O presente *preprint* resulta das investigações empreendidas no projeto Mukanda Histórica Digital, desenvolvido no Departamento de História da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e sob financiamento da FAPEMIG. Para um exame detalhado do projeto, acesse a plataforma institucional: <https://app.unifal-mg.edu.br/historiadigital/>

<sup>2</sup> Declaramos que a redação do presente trabalho contou com o suporte da Inteligência Artificial modelo Gemini 3.1 Pro, sob licença institucional da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), exclusivamente para revisão de linguagem: melhoria da gramática, ortografia, clareza e estilo do texto. Toda supervisão, validação e autoria intelectual do artigo são de responsabilidade das autoras humanas.

This article analyzes the experience of Lunda workers within the colonial archives of the Angola Diamond Company (Diamang), centering on the history of Maseca. Based on this analysis, we propose an academic writing exercise aligned with poetic sensibility, aiming to construct a Potential History (Azoulay, 2024) of this historical agent. To this end, we conduct an interstitial reading (Ribeiro, 2013; Santos, 2016) of Diamang's administrative documents, seeking to reflect on the agencies and subjectivities that mobilized Maseca's actions. By adopting a poetic sensibility, this work tensions the form and content of historical knowledge, demonstrating the possibility of integrating academic rigor with historical imagination.

**Keywords:** African workers, Diamang, Lunda, Interstices, Potential History.

## Introdução

O presente artigo propõe analisar criticamente cartas produzidas por funcionários da administração da Companhia de Diamantes de Angola (doravante Diamang) que tratam de queixas prestadas pelos trabalhadores, em que se destaca a ação de um trabalhador contratado chamado Masseca. Diante dessa análise, buscamos propor um exercício de escrita acadêmica que relaciona o rigor do conhecimento historiográfico com a sensibilidade poética.

Ocorre que o espólio da Diamang é composto majoritariamente por documentos produzidos por administradores da empresa, refletindo a lógica do arquivo colonial. Em vista de evitar análises que se centrem somente nesses agentes, é preciso realizar uma leitura crítica das fontes, buscando identificar as experiências, resistências e agências dos trabalhadores africanos.

Para isso, utilizamos o conceito de interstícios, desenvolvido por Elaine Ribeiro da Silva dos Santos (2013; 2016), como metodologia de análise dessas fontes. A leitura intersticial permite ir além da intenção inicial dos documentos coloniais, observando os espaços que revelam as agências e interesses das populações ao qual esse discurso pretendia dominar.

Diante dessa possibilidade de leitura das fontes, propomos uma História Potencial, nos termos de Ariella Aisha Azoulay (2024), para resgatar e compreender as experiências de trabalhadores, neste caso específico a experiência de Masseca. Essa abordagem demonstra a violência do discurso colonial, mas também destaca as ações e subjetividades do trabalhador. Para isso, e conscientes das informações limitadas nas fontes, desenvolvemos hipóteses plausíveis sobre os motivos que levaram Masseca a tomar as decisões mencionadas na documentação analisada.

Para garantir a plausibilidade dessas hipóteses foi essencial realizar um estudo acerca da estrutura de trabalho na Diamang, bem como o desenvolvimento de uma sensibilidade poética para a escrita desta história. Essa sensibilidade proporciona um olhar atento à cosmopercepção da oralidade-ancestralidade que mobiliza o agir, permitindo-nos construir um relato da agência de Masseca, mesmo diante das limitações documentais.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Adotamos o termo cosmopercepção para designar a compreensão de mundo das populações da oralidade. Este conceito se apoia na proposta da socióloga nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2002), que o emprega para enfatizar que o entendimento de mundo nessas populações se processa por meio de múltiplos sentidos e não apenas pela

Assim, o texto foi estruturado nas seguintes seções: 1. As dinâmicas de vida e trabalho presentes no arquivo colonial da Diamang, que visa apresentar as fontes analisadas e o seu contexto de produção, evidenciando o funcionamento da empresa; 2. Os interstícios do discurso colonial como possibilidade para a construção de uma história potencial, em que apresentamos a metodologia adotada para análise das fontes e a discussão teórica para a construção de uma história potencial; 3. O olhar poético como ferramenta para a História Potencial, nesta seção destacamos a importância da poesia para a construção de uma História Potencial que tenha em vista as subjetividades dos sujeitos; 4. Uma história potencial de Masseca, em que demonstramos o exercício de escrita; e, por fim, as Considerações Finais.

### **As dinâmicas de vida e trabalho presentes no arquivo colonial da Diamang**

Para esse artigo daremos destaque à três cartas que relatam episódios de queixas dos trabalhadores e nos dão a conhecer Masseca. O acesso a informações sobre essas fontes foi possível por meio do livro “Diamantes em Bruto: Paternalismo Empresarial e Profissionalismo Africano na Diamang, 1917-1975” do historiador estadunidense Todd Cleveland (2019). Quando consultada pelo autor, essa documentação estava sob a guarda do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (MAUC).

A primeira é a Carta de H. T. Dickinson, engenheiro consultor, ao Bureau Technique, em Bruxelas, foi nomeada como “Visit of Governor Roma” e produzida em 21 de agosto de 1925, arquivada na pasta 86 3º; a segunda carta é a carta de Victor Hugo Antunes, chefe da circunscrição do concelho do Chitato, ao Senhor Engenheiro da Diamang, escrita em 16 de novembro de 1927, presente na pasta 86 8º; a terceira trata-se de uma carta não assinada anexada à Carta de Victor Hugo Antunes, também na pasta 86 8º.

A carta de Dickinson relata sobre a visita do governador de Angola, Bento Roma, à Diamang em 1925. Nessa visita os trabalhadores queixaram-se para Roma sobre a insuficiência de alimentos oferecidos a eles pela Diamang. Frente a essas queixas, os administradores da Companhia acusaram esses trabalhadores de prevaricação e afirmaram que eles recebiam mais do que a lei estabelecia. Em resposta, o governador exigiu que fosse organizada uma distribuição alternativa de alimentos “aumentando a ração diária de farinha de mandioca de 300 para 350 gramas, embora reduzindo a ração semanal, distribuídas aos sábados, de 5200 para 4900 gramas” (MAUC, Pasta 86 3º *apud* Cleveland, 2019, p. 170).

---

visão. Além disso, também conta com a contribuição da intelectual brasileira Leda Maria Martins (2021), que argumenta que tal entendimento se manifesta em todas as formas de expressão de ser e de sentir.

Não dispomos de dados concretos acerca de retornos do Governador à Diamang, entretanto, há a menção de sua visita na carta escrita por Antunes, em 1927, ao Engenheiro da Diamang. Ele registrou a queixa de um trabalhador chamado Masseca, que alegava ter sido agredido por um dos responsáveis da mina chamado Weatherby. Essa queixa foi registrada da seguinte maneira:

Masseca trabalhava como contratado na mina do Cavuco, cujo gestor, Weatherby, conhecido pelo nome de “Lunganga”, começou a maltratar os trabalhadores depois da última visita do governador do distrito, atacando [...] quem se queixara da insuficiência da alimentação oferecida. Em virtude dos maus-tratos que, conseqüentemente, receberam, cinco trabalhadores já haviam desertado, mas Masseca, esbofeteado e pontapeado por “Luganga”, não queria fugir para a sua terra natal, preferindo apresentar queixa às autoridades. Enviei o queixoso de volta ao trabalho e ele prometeu cumprir, sob garantia de que seriam adotadas medidas para o chefe da mina ser mais razoável com os trabalhadores (MAUC, Pasta 86 8º *apud* Cleveland, 2019, p. 171).

Acompanhado desse escrito de Antunes, também foi anexada uma carta não assinada cuja autoria Cleveland (2019, p. 178) atribuiu a Weatherby (Lunganga). Na carta, o locutor argumenta que Masseca teria se fingido de doente e após consultar-se no posto médico da Companhia, o médico teria determinado a falsidade de seu estado de saúde e o direcionado à mina do Cassanguidi. Entretanto, Masseca teria se dirigido ao posto administrativo do Chitato e realizado a queixa que consta na carta de Antunes. Diante dessa insubordinação, Weatherby relata ter agredido o trabalhador (MAUC, Pasta 86 8º *apud* Cleveland, 2019, p. 178)

O contexto de produção dessas cartas está intrinsecamente relacionado à própria existência da Diamang. Fundada em 1917 como uma empresa majestática que recebia capital estrangeiro de “entidades sul-africanas, francesas, belgas, americanas e britânicas” e atuava como uma extensão do Estado português (Alencastro, 2018, p. 85). Para a administração colonial, a Diamang era uma peça fundamental na consolidação do colonialismo no interior do território da Lunda (África Central), atuando não só como um mecanismo econômico e político, mas também como agente de missão civilizatória (Alencastro, 2018, p. 81-90).

Dessa forma, a empresa, a partir de acordos com o Estado colonial português, tornou-se “um Estado dentro do Estado” nessa região. Isso possibilitou o enriquecimento de Portugal com os lucros da Companhia e permitiu que a Diamang assumisse o controle do espaço e da mão de obra das populações da Lunda, composta majoritariamente por trabalhadores Cokwe (Cleveland, 2019, p. 50-51).

A busca por mão de obra era feita por meio de ações coercitivas de recrutamento nas aldeias para o trabalho forçado ou a partir daqueles que se apresentavam voluntariamente à

Companhia. Embora estes últimos possuíssem melhores condições de trabalho (ainda que precárias) em relação aos que eram forçados, ambos os grupos seguiam um árduo percurso até as minas para iniciar o trabalho. (Cleveland, 2019, p. 67-69).

Após o recrutamento e chegada ao posto de trabalho, esses indivíduos deviam construir suas próprias habitações, muitas vezes divididas entre famílias ou trabalhadores desacompanhados (Cleveland, 2019, p. 203-207).

Nesse sistema, a Diamang tinha a intenção de que as mulheres e filhos dos contratados também os acompanhassem para os alojamentos das minas, acreditando que a presença familiar diminuiria os riscos de deserção (Cleveland, 2019, p. 72-74).

Além disso, a participação das mulheres era essencial para o funcionamento da Companhia, pois a elas eram atribuídas as tarefas relativas à alimentação (do plantio à preparação) e à limpeza dos acampamentos (Cleveland, 2019, p. 146-151).

O trabalho nas minas, que dependia dos trabalhadores contratados e voluntários, consistia em várias etapas da extração diamantífera: prospecção, escavações, transporte das minas as lavarias e, por fim, o refino do cascalho extraído (Cleveland, 2019, p. 119-130).

A prospecção era realizada por equipes que poderia variar entre cinco e duzentas pessoas, contava usualmente com no máximo dois prospectores brancos, alguns capitas africanos, que realizavam o trabalho de guarda do acampamento e, por ser uma das tarefas mais exigentes, contava, em sua maioria com trabalhadores contratados. A tarefa baseava-se no processo de remoção de amostras do solo em uma área extensa para a análise da concentração de diamantes (Cleveland, 2019, p. 119).

Após a identificação das áreas mais produtivas tinha início o processo de escavações que consistia na remoção da camada dendrítica e diamantífera (Cleveland, 2019, p. 122). Em seguida, era feito o transporte do cascalho diamantífero para as lavarias, esse transporte era realizado em cestos ou por meio de caminhões basculantes (Cleveland, 2019, p. 126).

Por fim, nas lavarias, eram realizados os processos de refino, em que retiravam-se os elementos não diamantíferos, e também de seleção das pedras. Esse trabalho era mais direcionado para os voluntários, principalmente os mais jovens, entre dez e doze anos. Além disso, contava com um sistema de segurança rigoroso a fim de coibir roubos (Cleveland, 2019, p. 127-128)

Tais atividades eram marcadas também por castigos físicos perpetrados pelos capitas africanos e funcionários brancos contra os trabalhadores. Tais ações eram respondidas com impunidade, em alguns casos mais extremos ocasionou somente em multas ou transferências dos agressores (Cleveland, 2019, p. 135-136).

## **Os interstícios do discurso colonial como possibilidade para a construção de uma História Potencial**

Tendo em vista essa documentação e o contexto de sua produção, propomos fixar nosso olhar nos trabalhadores da Lunda explorados pela Diamang, especialmente Maseca, mesmo que não dispondo de nenhum relato feito diretamente por ele.

Com esse intuito, nos baseamos nos trabalhos de Elaine Ribeiro da Silva dos Santos (2013; 2016)<sup>4</sup>. Com base no estudo da autora sobre os carregadores da Expedição Portuguesa ao Muatiânvua (1884-1888), buscamos superar uma visão elitista da história. Ribeiro (2013, p. 23) demonstra que, ao analisarmos as práticas, crenças e valores desses sujeitos, possibilita-se perceber a atuação ativa de indivíduos que, mesmo à margem do poder, possuíram iram papéis importantes nas histórias do continente africano. Nessa perspectiva, tal como os carregadores da Expedição, os trabalhadores da Diamang também compreendiam suas necessidades e participavam das relações de poder na medida de suas possibilidades (Santos, 2016, p. 20).

Ainda nos apoiamos nas obras da pesquisadora pelo conceito de interstícios que utilizamos como ferramenta de análise para acessar a história de agentes como Maseca nas produções dos administradores da Diamang. O conceito refere-se aos espaços do discurso colonial nos quais, mesmo que involuntariamente, os agentes coloniais acabam por evidenciar os interesses, as estratégias e as vozes dos africanos (Ribeiro, 2013, p. 132).

Assim, é possível analisar a documentação para além dos interesses europeus. Nessa perspectiva, as cartas produzidas por membros da administração colonial da Diamang, embora redigidas com o propósito de relatar medidas de manutenção da ordem, registram, em seus interstícios, as tensões e as estratégias de resistência dos trabalhadores. O artigo busca, portanto, extrair dessas informações relatadas nas cartas os indícios de descontentamento, a queixa registrada, a deserção de outros trabalhadores e as providências tomadas. Tais elementos permitam a construção de hipóteses plausíveis sobre as subjetividades e motivações de agentes como Maseca.

Conforme argumenta Cleveland (2019, p. 164-170), os trabalhadores desempenhavam ações visando tornar a vida na Diamang mais suportável. Essas resistências cotidianas se

---

<sup>4</sup> Professora Doutora da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG) e Coordenadora do projeto “Mukanda digital: levantamento, organização e constituição de uma base de fontes da História da Lunda (África Central)”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

manifestavam no compartilhamento de tarefas, na redistribuição de refeições e, sobretudo, nas reivindicações e queixas prestadas à administração. Essas queixas representavam, nos termos do autor, um “risco calculado”, pois, embora resultassem em agressões, quando bem-sucedidas levavam à adoção de medidas administrativas.

As demandas de Masseca e articulam com as cosmopercepções da oralidade-ancestralidade que norteiam as ações dos trabalhadores da Lunda<sup>5</sup>. O sistema da oralidade é regido pelo princípio da ancestralidade, de forma com que a pessoa, a coletividade e os ancestrais se configuram como “elos indissociáveis e complementares de uma mesma cadeia significativa” (Martins, 2021, p. 39).

Assim, a busca pelo aumento de alimentos e diminuição da violência do gestor da mina em que trabalhava não se limitavam a reivindicações individuais, mas expressavam uma busca por melhores condições de vida coletiva.

Da mesma forma que a cosmopercepção pode ter influenciado a escolha de Masseca por não desertar. A deserção, embora fosse um ato individual, implicava riscos e consequências que ultrapassavam o indivíduo. Caso o trabalhador fosse casado e tivesse família, isso significaria em deixá-los na Diamang ou expô-los aos riscos da própria fuga. Além disso, a deserção gerava punição para o soba (chefia) e para toda a coletividade da aldeia de origem desse agente. Nessas situações, o soba era forçado a enviar um substituto para a vaga e ainda poderia ser preso e humilhado publicamente (Cleveland, 2019, p. 86-87).

Essa decisão de permanecer e buscar melhorias internas em vez de optar pela fuga individual pode demonstrar, portanto, uma ação orientada pela prioridade da coletividade guiada pela cosmopercepção da oralidade-ancestralidade.

Diante dessas possibilidades de ação de Masseca guiadas pelas cosmopercepções que o constituíam e das lacunas inerentes dos documentos administrativos da Diamang, propomos então construir uma História Potencial, nos termos de Azoulay (2024).

O uso desse conceito teórico-metodológico exige o desenvolvimento de uma postura ética e política baseada no desaprender o imperialismo, implicando em recusar as histórias contadas pelos mecanismos coloniais. Este procedimento visa transformar o silêncio do arquivo em um espaço de reflexão sobre as vidas daqueles que, embora apareçam no seu registro, tenha a sua existência limitada a poucas linhas escritas por indivíduos como Antunes, engenheiro da Diamang, e Weatherby, gestor da mina e a quem Masseca acusou de agressão.

---

<sup>5</sup> O termo “ração” era utilizado no contexto da Diamang para se referir aos alimentos (Cleveland, 2019, p. 132).

Azoulay (2024, p. 22) compara a construção desses discursos com a ação de um obturador na fotografia, que funciona como um mecanismo de seleção e exclusão. Segundo a autora, esse obturador traça linhas divisórias que separam aqueles que detêm o poder de narrar e acumular recursos daqueles cujo consentimento e trabalho são extraídos. Desse modo, a suposta neutralidade desse mecanismo é um exercício de violência.

A História Potencial se constrói, portanto, sobre aqueles elementos que resistem ou se recusam às determinações desse discurso que atua como um mecanismo de seleção (Azoulay, 2024, p. 14). Esse exercício exige um processo ativo de reversão das ações do obturador, pois a História Potencial não restaura os mundos depois da violência, mas se “rebobina ao momento anterior à violência ocorrida e tem início nesse ponto” (Azoulay, 2024, p. 27).

É essa reversão que se pretende ao tratar da História Potencial de Maseca: uma postura que visa refletir sobre sua trajetória por meio das informações presentes nos interstícios do discurso colonial. Este exercício permite ir além das restrições impostas por essa documentação, admitindo que, na ausência de dados mais completos, restam-nos somente a formulação de questionamentos e hipóteses plausíveis.

Dessa forma, esse trabalho permite romper com uma “história única”. Como argumenta Chimamanda Ngozi Adichie (2019), as histórias, a forma como são contadas e por quem são contadas evidenciam relações de poder. A autora demonstra que o ponto de partida de uma história é o que define seu significado.

Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente (Adichie, 2019, p. 12).

Essa perspectiva reforça a necessidade de reverter o olhar do obturador imperial proposto por Azoulay (2024). Visto que embora historicamente as narrativas tenham sido usadas para espoliar e caluniar, elas também possuem o poder de empoderar e humanizar (Adichie, 2009, p. 16).

Dessa forma, diante da pretendida destruição de mundo, por meio da exploração das pessoas e dos espaços, por parte do colonialismo português na Lunda, cabe-nos contar outra história, como nos provoca Ailton Krenak (2019, p. 13): “E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”.

## **O olhar poético como ferramenta para a História Potencial**

A construção de uma história potencial de Masseca deve considerar o rigor historiográfico exigido, para isso nos apoiamos na bibliografia que trata das dinâmicas de trabalho na Diamang. No entanto, dada a carência de informações detalhadas sobre esse trabalhador, adotamos também um olhar poético que seja sensível às possibilidades e subjetividades que mobilizam as ações desse sujeito histórico.

A poesia, neste exercício de escrita acadêmica, atua como uma ferramenta para a humanização. Alfredo Bosi (2013), nos ensina o poder da poesia de destacar, de uma massa anônima e amorfa, uma figura humana singular, transformando aquilo que era uma “sombra errante” em gente (Bosi, 2013, p. 10). É por meio dessa sensibilidade poética que se torna possível individualizar a percepção do outro em contextos históricos onde o espaço da dominação social parece ser absoluto (Bosi, 2013, p. 14). Assim, o olhar poético serve como uma ferramenta para romper com o pretense anonimato imposto pelo discurso colonial e, finalmente, evidenciar as agências de Masseca.

A reversibilidade proposta pela História Potencial também se manifesta no discurso poético, que pressupõe recorrências, ressonâncias, voltas, regimes de ciclos e simultaneidade de vários tempos. Com esses retornos, o tempo poético interrompe e quebra a linha sequencial absoluta. É nesse ponto que a poesia permite a humanização dos sujeitos ao romper a lógica da economia produtiva e colonial. Enquanto a economia valoriza os mecanismos da produção, da oferta e da demanda, medindo o tempo em função do valor financeiro proveniente dessa produção, o tempo poético opera fora dessa contabilidade. Ele nega que essa lógica seja a única forma de viver (Bosi, 1990, p. 116-117 *apud* Martins, 2021, p. 19-20).

Essa concepção de tempo, marcada pela reversibilidade e pela quebra da linearidade, é a expressão da cosmopercepção da oralidade-ancestralidade que se manifesta na agência dos sujeitos da Lunda.

Diante dessa possibilidade reflexiva e para construir a história potencial de Masseca, optamos pelo uso de um narrador observador: um trabalhador da Diamang que acompanha todo o ocorrido e pondera sobre as decisões de seu companheiro. Essa escolha é, antes de tudo, ética, por garantir que as hipóteses propostas não sejam impostas à experiência de Masseca, mas sim construir um olhar pensativo sobre suas ações.

Essa construção narrativa necessitou se apoiar na historiografia estudada. Para ambientar de forma crível a história de Masseca e compreender as dinâmicas que o atravessaram, recorreremos às informações apresentadas por Cleveland (2019), ao tratar de elementos como as habitações dos trabalhadores, os horários de trabalho, as dinâmicas entre

eles, o funcionamento dos postos médicos, e outros aspectos do cotidiano no contexto da Diamang. É com base nesses dados historiográficos que realizamos o exercício de imaginação, garantindo que o olhar poético seja fundamentado nas informações expressas na documentação do período.

### **Uma história potencial de Masseca**

Conhecia Masseca há cerca de 4 meses. Ele era contratado, assim como eu. Depois que chegou na Diamang acabamos por ficar na mesma mina. Ele era um pouco mais velho do que eu, não sabia se vinha acompanhado de mulher e filhos. Morava a algumas casas de distância da habitação em que eu vivia. Ele sempre trabalhou muito e quando podia ajudava os que não estavam dando conta do trabalho (Cleveland, 2019, p. 165).

Naquele dia de 1927, acordei com o barulho leve da chuva, ainda não havia luz lá fora. Na casa havia outros oito homens que trabalhavam comigo na mina do Cavuco. Nossa casa era “pequena e reservada”, como o pessoal da Diamang dizia, no modelo “tradicional”, feita de madeira e argila. Quando chegamos nós a construímos (Cleveland, 2019, p. 203-207).

O caminho até esse lugar foi difícil. O medo vinha antes de mim, pois ouvia relatos de outras pessoas que haviam passado por aqui (Cleveland, 2019, p. 81-102). Me contaram sobre um homem pego roubando e brutalmente agredido e depois preso, também me disseram de uma mulher assediada que ao queixar-se para a administração lhe disseram que ela estava mentindo (Cleveland, 2019, p. 178-183; p. 151-154).

Mas precisava vir, não tinha escolha.

Me sinto muito cansado. Dizem haver uma “cultura de queixas”, só se for a queixa insistente de nossos estômagos reclamando o vazio interno. Aqui é melhor não chamarmos a atenção dos administradores, ainda mais daqueles que facilmente partem para agressão.

Naquela manhã, o pouco de comida que havia se esvaiu em segundos. Eu ouvia o estômago de Montaubuleno. O que recebemos não era suficiente (Cleveland, 2019, p. 170).

Lembrei-me de uma história que me contaram. Há uns dois anos, durante uma visita do governador de Angola, um tal de Bento Roma, alguns trabalhadores aproveitaram um momento em que o supervisor da mina estava distraído e contaram a situação que enfrentamos nesse lugar. A quantidade de comida que nos oferecem não sacia nossa fome (Cleveland, 2019, p. 170).

O Governador buscou informações com os administradores da Companhia. Eles disseram que mentiam, que recebiam mais comida do que era o direito (Cleveland, 2019, p. 170).

A pressão dos trabalhadores ao Roma fez com que ele mandasse o pessoal da Diamang aumentar a quantidade da ração diária<sup>6</sup>. Eles realmente fizeram isso, mas também diminuíram a ração semanal (Cleveland, 2019, p. 170).

O ruído de Montaubuleno me trouxe de volta. Sem palavras, deslizei minha parte da ração para ele. Isso me indigna, enquanto os brancos comem a carne toda, apenas nos restam os ossos (Cleveland, 2019, p. 170). A indignação era um gosto amargo e persistente.

Saí logo cedo para trabalhar no Cavuco. Seria um longo dia. Iria encontrar aquele canalha do Lunganga, um supervisor branco. Ele nos batia, dizendo que a violência era para “encorajar nosso esforço”. De que maneira a dor se transforma em vontade de trabalhar? (Cleveland, 2019, p. 122).

Quando cheguei, vi os homens conversando, a urgência nos rostos. Logo imaginei: souberam da nova visita do Governador do Distrito.

Eu e os outros solteiros temíamos por nós e ainda pensávamos também naqueles que tinham mulheres e filhos, cujas barrigas também careciam de alimento.

Vi que Masseca também pretendia reclamar. Dizia que não tolerava mais ver a fome nos olhos de ninguém. O trabalho de escavação era brutal. Sem comida, os braços nos trairiam.

Roma chegou. Me mantive fazendo a minha tarefa do dia, tive medo de me juntar a eles. Vi os cinco se aproveitando de um momento de descuido em que Lunganga estava distraído. Eles romperam em direção à Roma e contaram tudo que nos sucedia.

Lunganga virou-se. O tempo estagnou.

Quando o carro do Governador sumiu, a agressão começou. Ele os derrubou com tapas, depois os chutou. Aquilo não era somente castigo. Era a declaração de que deveríamos nos sujeitar a fome sem nenhuma palavra (Cleveland, 2019, p. 171-172).

---

<sup>6</sup> Além da perspectiva de Ribeiro, a análise das fontes e a forma de narrar a história de agentes como Masseca também se inspiram no trabalho de Sidney Chalhoub (2012). O autor critica a tendência historiográfica de restringir a história do trabalho somente aos membros de movimentos políticos organizados, defendendo a inclusão daqueles trabalhadores que, mesmo não participando dessas organizações, possuem sua própria história (Chalhoub, 2012, p. 06).

Quando o dia de trabalho acabou, eu retornei para a casa e não vi os outros quatro que reclamaram com o Governador. Soube que foram embora, isso era bastante arriscado, pois, se fossem pegos, seriam agredidos novamente ou até presos (Cleveland, 2019, p. 188).

Imagino que alguns foram para o Congo, outros podem ter tentado voltar para as suas terras (Cleveland, 2019, p. 188).

Porém, Masseca não foi, tentaram convencê-lo a acompanhá-los dizendo-lhe que Lunganga estava muito irritado, poderia agredi-lo mais vezes. Mas Masseca negou-se a partir (Cleveland, 2019, p. 171).

“Por que não fugiu?”. Essa pergunta invadiu meus pensamentos por um bom tempo. Estaria sua família ali, no acampamento, amarrando-o ao risco? Levá-los seria muito arriscado, poderiam ser pegos ou ainda não aguentar o trajeto.

Ou o medo maior era o dos cipaios voltarem à sua aldeia, trocando sua deserção por novas vítimas, talvez o Soba?

Seria a teimosia por aqueles que dependiam da sua ajuda na escavação, o fardo de cascalho que pesava mais nos braços mais velhos?

Talvez ele visse no confronto com Lunganga não a vingança, mas a semente de uma pequena mudança, uma chance de tornar aquilo menos insuportável.

Masseca então, foi ao posto médico em busca de algo que o ajudasse a melhorar os machucados causados pela fúria de Lunganga. Em seguida, foi reclamar com o administrador da mina (Cleveland, 2019, p. 171; p. 178).

Quando soube, eu pensei que na melhor das hipóteses Lunganga já teria sido alvo de muitas queixas e caberia ao administrador decidir se ele seria multado, transferido, ou somente ignoraria a queixa, como costumava acontecer. Na pior das hipóteses, Masseca seria novamente agredido (Cleveland, 2019, p. 170).

Pelo que disseram, um funcionário chamado Victor Hugo Antunes registrou por escrito a queixa de Masseca. Disse a ele que retornasse ao trabalho e prometeu que tomaria medidas para que Lunganga fosse mais razoável com os trabalhadores (Cleveland, 2019, p. 171).

Depois que Lunganga foi informado sobre a queixa ele escreveu uma carta dizendo que tudo o que Masseca falara era mentira. Argumentou que Masseca havia infringido a si mesmo os machucados e estava querendo fingir que estava doente (Cleveland, 2019, p. 178).

Por que diabos alguém se machucaria daquela forma para não ir trabalhar?

Lunganga afirmou que Masseca só foi à administração após ter passado por um médico que constatou que seu estado de saúde era falso (Cleveland, 2019, p. 178).

Não sei ao certo se de fato o médico alegou que Masseca estava fingindo a doença, mas porque ele faria tudo isso, inclusive ir até a administração para reclamar? Era um risco muito grande para ele.

Como resposta, ao que Lunganga chamou de “insubordinação” e de uma “ofensa”, Masseca foi agredido novamente (Cleveland, 2019, p. 178).

Depois de muito pensar sobre as ações de Masseca, percebi que ele poderia ter agido de maneiras diferentes, fugindo, por exemplo. Entretanto, agiu mediante as suas possibilidades e sobretudo respondendo a sua forma de compreender como o mundo funciona.

Não sei dizer em que medida as ações de Masseca foram bem-sucedidas, visto a violência que ele foi submetido, porém, com certeza, essa foi uma forma de sobreviver nesse cenário tão brutal.

### **Considerações finais**

O artigo desenvolveu uma proposta de escrita acadêmica mobilizada por um episódio da vida de Masseca, um trabalhador contratado da Diamang, cujos registros se encontram nas cartas da administração da Companhia.

Com uma leitura intersticial dessa documentação, foi possível observar os descontentamentos dos trabalhadores, a queixa registrada por Masseca, a deserção de seus companheiros e as providências tomadas pela administração. Nesse sentido, analisando essa documentação, foi possível perceber as resistências cotidianas de Masseca e desenvolver hipóteses plausíveis sobre as motivações que o levaram a agir.

Por meio de exercícios imaginativos fundamentados em rigor historiográfico e na ética da reversibilidade do tempo pudemos constituir uma História Potencial de Masseca que desafia as limitações impostas pelo discurso colonial. Tal exercício demonstra um compromisso ético-político de conceber outras narrativas, apresentando uma alternativa poética que rompe com as tecnologias coloniais e potencializa a história de sujeitos que possuem sua história reduzida a pouca linhas desses registros.

Dessa forma, a construção da narrativa exigiu mais do que o conhecimento acerca da forma com que o trabalho era estruturado na Diamang. Foi necessário desenvolver uma sensibilidade poética para narrar as ações de Masseca, compreendendo suas motivações a partir de sua cosmopercepção.

Assim, este exercício de escrita tensiona a forma e o conteúdo tradicional do conhecimento histórico. Ele se apresenta como uma possibilidade metodológica que, ao mesmo tempo que preza pelo rigor analítico das fontes e do contexto, utiliza uma perspectiva poética para resgatar a agência e a complexidade das histórias silenciadas. Espera-se que possa servir de exemplo para a construção de outras histórias potenciais de agentes como Masseca, que diante de um cenário de exploração buscou uma existência mais digna para si e para outros em seu redor.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Mathias. Política dos diamantes em Angola durante a primeira era colonial: as relações entre o estado e a Diamang 1917-1961. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 57, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/26074>. Acesso em: 12 dez de 2025.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AZOULAY, Ariella Aisha. **História Potencial**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013.

CHALOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na belle époque. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

CLEVELAND. **Diamantes em Bruto: Paternalismo Empresarial e Profissionalismo Africano na Diamang, 1917-1975**. 1. ed. Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro, RJ: Editora Cobogó, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

RIBEIRO, Elaine. **Barganhando sobrevivências**: os trabalhadores da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda 1884-1888. São Paulo: Alameda, 2013.

SANTOS, Elaine Ribeiro da Silva dos. **Sociabilidades em trânsito**: os carregadores do comércio de longa distância na Lunda (1880-1920). 2016. Tese (Doutorado em História

Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-26082016-153408. Acesso em: 05 dez. 2025.

### **Declaração de contribuição dos autores**

Vitória Massami Kikuti: redação - rascunho original, análise formal, conceitualização e investigação

Elaine Ribeiro: aquisição de financiamento, administração do projeto, supervisão, validação e escrita- revisão e edição

### **Declaração de conflito de interesse**

As autoras declaram que não há conflito de interesse.

### **Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa**

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi disponibilizado em Mukanda Histórica Digital e pode ser acessado em <https://app.unifal-mg.edu.br/historiadigital/>.

### **Declaração de uso de IA**

Declaramos que a redação do presente trabalho contou com o suporte da Inteligência Artificial modelo Gemini 3.1 Pro, sob licença institucional da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), exclusivamente para revisão de linguagem: melhoria da gramática, ortografia, clareza e estilo do texto. Toda supervisão, validação e autoria intelectual do artigo são de responsabilidade das autoras humanas.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.